



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

HELEN MARINHO RODRIGUES RIBEIRO

VOZES DO ESPECTRO
DOCUMENTÁRIO SOBRE IDENTIFICAÇÃO E SATISFAÇÃO DE AUTISTAS COM A
REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA SÉRIE ATYPICAL

BRASÍLIA
2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

HELEN MARINHO RODRIGUES RIBEIRO

VOZES DO ESPECTRO

DOCUMENTÁRIO SOBRE IDENTIFICAÇÃO E SATISFAÇÃO DE AUTISTAS COM A
REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA SÉRIE ATYPICAL

Memória do projeto experimental apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dione Oliveira Moura

BRASÍLIA
2021

HELEN MARINHO RODRIGUES RIBEIRO

VOZES DO ESPECTRO

DOCUMENTÁRIO SOBRE IDENTIFICAÇÃO E SATISFAÇÃO DE AUTISTAS COM A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA SÉRIE ATYPICAL

Projeto experimental apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Maio de 2021

BANCA EXAMINADORA

Dione Oliveira Moura (orientadora)

Paulo José Araújo da Cunha (membro)

Márcia Marques (membro)

Rafiza Luziani Varão Ribeiro (suplente)

AGRADECIMENTOS

Às entrevistadas e aos entrevistados Priscila Jaeger, Polyana Sá, Annibal Franco, Gustavo Ferreira e Pedro Lucas Ribeiro, que me concederam atenção e tempo para conversas francas e proveitosas, assim como um voto de confiança para que eu compartilhasse seus pontos de vistas sobre a representação do autismo em *Atypical*.

À Josiane Soares, que foi minha primeira entrevistada e cujo depoimento, infelizmente, não pude aproveitar na versão final desta pesquisa devido a problemas técnicos; mas quem foi a responsável por me fazer acreditar que estava no caminho certo na condução do tema e indicar a grande maioria dos contatos dos entrevistados e das entrevistadas para o documentário.

À psicóloga Maria Matilde Santos, sobretudo por ter me oferecido uma visão mais profissional do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sanado algumas das minhas principais dúvidas, surgidas durante o processo de produção da narrativa, sobre o tema.

À professora Dione Moura, minha orientadora e guia durante toda esta etapa importantíssima da minha trajetória acadêmica, que me fez acreditar verdadeiramente no potencial deste trabalho.

À doutoranda Ana Maria Teles, que, na disciplina Pré-Projeto em Jornalismo, atuou como uma co-orientadora. Agradeço por ter visto meus primeiros esboços, ainda quando o semestre estava suspenso em razão da pandemia de Covid-19, e, com excelência, ter tido um papel essencial na concretização deste projeto.

A minha mãe, por ter me recomendado assistir à série *Atypical* no ano de 2017 e engajado em discussões comigo sobre a temática, mostrando-se sempre solícita para discutir os rumos da minha pesquisa e contribuir com sua experiência como neuropsicopedagoga.

A minha irmã, por me apoiar desde a fase de concepção do projeto, estando sempre disposta a me escutar com atenção e assistir incontáveis vezes às diferentes versões do documentário, fornecendo uma opinião "de fora" sincera, que em muito agregou no resultado.

A minha amiga mais próxima ao longo de toda a trajetória acadêmica, por seus companheirismo e apoio, assim como lealdade, leveza e trocas de natureza diversa em todos esses anos.

A um dos meus queridos amigos, que foi responsável por uma das primeiras "revisões" do meu projeto de pesquisa e me deu incentivos para seguir com a proposta.

Aos meus colegas de graduação, pelo companheirismo ao longo dos anos.

À Universidade de Brasília, por me proporcionar a experiência do curso de Jornalismo de maneira tão agregadora e gratificante.

RESUMO

A presente pesquisa teve como intuito verificar, por meio do registro audiovisual, como um grupo de pessoas autistas percebe a representação do autismo na série *Atypical*, do serviço de *streaming* Netflix. A verificação foi feita com a produção de um documentário, no qual foram reunidos os depoimentos de entrevistados e entrevistadas, e teve como foco os sentimentos de identificação e satisfação com a representação. A escolha da narrativa audiovisual documental deve-se à intenção de se reforçar o papel desse gênero como ferramenta de mobilização social. A razão para a escolha de *Atypical* reside na constatação de que mesmo as três primeiras temporadas da série tendo alcançado uma média de aprovação de 66% a 87%, por parte da crítica especializada e do público, com base em agregadores de críticas de cinema e televisão; houve espaço, ainda no de seu lançamento, para apontamentos, feitos por pessoas que se encontram no espectro autista, a respeito de uma representação imprecisa e, em alguns casos, estereotipada da condição.

Palavras-chave: Representação; Autismo; *Atypical*; Documentário.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Priscila Jaeger	32
Figura 2 — Polyana Sá	33
Figura 3 — Annibal Franco	34
Figura 4 — Pedro Lucas Ribeiro	34
Figura 5 — Gustavo Ferreira	35
Figura 6 — Maria Matilde Santos	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Níveis de gravidade para o TEA

27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PROBLEMA DE PESQUISA	11
2. JUSTIFICATIVA	12
3. OBJETIVOS	13
3.1. OBJETIVO GERAL	13
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
4. REVISÃO TEÓRICA	14
4.1. REPRESENTAÇÃO	14
4.2. IDENTIFICAÇÃO	15
4.3. SATISFAÇÃO	16
4.4. DOCUMENTÁRIO	17
4.4.1. História	17
4.4.2. Tipos de Documentário	19
5. CONTEXTUALIZAÇÃO	22
5.1. ATYPICAL	22
5.2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	24
5.2.1. História	24
5.2.2. Características do TEA	26
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
6.1. ETAPAS DA PESQUISA	28
6.1.2. Pesquisa Documental	28
6.1.3. Revisão Bibliográfica	29
6.1.4. Pré-produção	29
6.1.4.1. Pré-teste	29
6.1.4.1.1. <i>Resultados do Pré-teste</i>	30
6.1.5. Produção	30

6.1.5.1. Entrevistas	31
6.1.6. Pós-produção	36
6.1.6.1. Edição	36
6.1.6.1.1. <i>Parte 1</i>	36
6.1.6.1.2. <i>Parte 2</i>	36
6.1.6.1.3. <i>Parte 3</i>	37
6.1.6.1.4. <i>Parte 4</i>	37
6.1.6.2. Disponibilização	38
7. ANÁLISE DE RESULTADOS	38
7.1. PRINCIPAIS ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO AUTISTA EM ATYPICAL QUE SUSCITARAM IDENTIFICAÇÃO NO GRUPO ENTREVISTADO	38
7.2. REPRESENTAÇÃO AUTISTA NA SÉRIE SER OU NÃO SER CONSIDERADA SATISFATÓRIA PARA AS PESSOAS DO GRUPO ENTREVISTADO	40
8. CRONOGRAMA DE PESQUISA	42
9. ORÇAMENTO	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS	48
GLOSSÁRIO	49
APÊNDICE A - QUESTIONAMENTOS UTILIZADOS NO PRÉ-TESTE	50
APÊNDICE B - QUESTIONAMENTOS PREVALECENTES NA PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	51

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), estima-se que uma em cada 160 crianças tenha o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual apresenta como características principais "algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva" (OPAS/OMS Brasil, 2017).

O TEA tem a gravidade variada entre os níveis um, dois e três — referentes à quantidade de apoio que a pessoa no espectro necessita —, com o primeiro nível abrangendo quem exige apoio; o segundo, quem exige apoio substancial; e o terceiro, quem exige apoio muito substancial (American Psychological Association [APA], 2014, p.52). A pessoa classificada como estando no espectro pode apresentar sinais da condição desde a infância, sinais estes que tendem a persistir na adolescência e idade adulta e podem limitar a realização de atividades diárias e sua participação na sociedade (OPAS/OMS Brasil, 2017).

Lançada em 2017 pelo serviço de *streaming* Netflix, a série norte-americana *Atypical* traz como protagonista Sam Gardner, um adolescente de 18 anos diagnosticado com TEA, e retrata, em uma mistura dos gêneros drama e comédia, as suas dinâmicas familiar, escolar, amorosa e profissional, e a forma como elas são impactadas pelas características de seu diagnóstico.

Apesar de figurar nas listas de séries mais maratonadas no Brasil, segundo dados de 2019 divulgados por uma parceria entre o sítio eletrônico Série Maníacos e o serviço on-line TV Time¹, e das três primeiras temporadas terem tido uma recepção majoritariamente positiva por parte da crítica especializada — média de aprovação da série variou entre 66% a 87%, com base em agregadores de críticas de cinema e de televisão, como Metacritic² e o Rotten Tomatoes³ —; houve espaço,

¹ [EXCLUSIVO] As séries mais maratonadas por brasileiros segundo o TV Time (09 Dez - 16 Dez).

Série Maníacos, 2019. Disponível em:

<<https://seriemaniacos.tv/exclusivo-as-series-mais-maratonadas-por-brasileiros-segundo-o-tv-time-09-dez-16-dez/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

² Metacritic é um website americano que agrega críticas de músicas, videogames, televisão e filmes.

³ Rotten Tomatoes é um website americano, tido como principal agregador de críticas de cinema e televisão na atualidade.

ainda no ano de 2017, para críticas,⁴ provenientes de pessoas que se encontram no espectro autista, a respeito de uma representação imprecisa e, em alguns casos, estereotipada do TEA e uma carência de atrizes e atores autistas no elenco, tendo este último fator impulsionado mudanças na segunda temporada.

Este cenário instiga uma reflexão a respeito da identificação e satisfação das pessoas diagnosticadas com TEA com a abordagem encontrada em *Atypical* e a necessidade de se dar mais voz a seus posicionamentos, em meio aos do grande público e da crítica especializada não inclusiva.

Tal processo visaria maior representatividade, a ser concretizada por meio da coleta audiovisual dos depoimentos de um grupo de autistas sobre o tema e sua exposição em um produto comunicacional; no caso, um documentário.

PROBLEMA DE PESQUISA

Durante pesquisas prévias sobre a recepção da série pela crítica especializada e pelo grande público, utilizando motores de busca como o *Google*, a autora deste trabalho pôde notar que um esclarecimento sobre o fato de uma crítica ser redigida ou não por alguém com TEA nem sempre se fez presente nos textos, o que, por sua vez, instigou sua curiosidade a respeito da receptividade da série por parte de tal parcela da população.

Quando em contato com críticas feitas por pessoas no espectro autista, notou-se que, embora alguns aspectos da representação na série fossem vistos como positivos, havia espaço para apontamentos sobre imprecisão e, em alguns casos, estereotipagem. Como exemplo de crítica sobre estereótipos, há o relato de Haley Moss — usuária da comunidade on-line *The Mighty*, para pessoas que enfrentam desafios relacionados à saúde —:

Sam é totalmente o personagem autista de "alto funcionamento" estereotipado, exceto que ele não é obcecado por trens. Caso contrário, ele é um estereótipo perfeito. Ninguém é um estereótipo perfeito na vida real. Sam simplesmente perde todas as dicas sociais, encontra todas as desculpas possíveis para falar sobre pinguins e a Antártida e parece inerentemente egoísta e sem consideração. Ele se torna a piada. Ele sabe

⁴ Ver tópico Pesquisa Documental, p.28

que é estranho e realmente não se importa, exceto quando se trata de sua busca para ter uma namorada e fazer sexo. Ele ignora os sentimentos das pessoas e cada linha de diálogo que ele tem, de alguma forma, envolve um erro social. No autismo, nem sempre é tão óbvio e, pelo menos para mim, os momentos estranhos e erros são mais matizados. (MOSS, 2017)

Nesta conjuntura, James Sinclair, fundador do site *Autistic & Unapologetic*, sobre conscientização do autismo, chega a apontar o que enxerga como um dos "escorregões" da série: o fato do escritores do programa terem criado, "a contragosto, outro retrato autista genérico" (SINCLAIR, 2017).

Pare-me se você já ouviu isso antes, mas o personagem principal deste programa é um pensador peculiar e literal, que é socialmente desafiado e tem uma obsessão estreita e excêntrica (neste caso, a Antártida) - É o clichê autista: aquele que vimos várias vezes e, se você realmente quiser criticar, também seria fácil reclamar que Sam é outra representação masculina, hétero, branca (embora isso seja mais um problema com o filme e Indústria da TV do que a própria representação do autista). (SINCLAIR, 2017)

Tais reflexões levaram a autora à ideia de se aprofundar um pouco mais nos principais aspectos do autismo retratados na série que teriam potencial de suscitar identificação entre autistas. Isto seria feito através de entrevistas com um grupo de pessoas no espectro, de forma a verificar também se a representação autista em *Atypical* é considerada satisfatória.

2. JUSTIFICATIVA

A concepção da temática desta pesquisa teve como principal motivação a necessidade da pesquisadora de ter um contato direto com um objeto de natureza similar a um repositório audiovisual de opiniões, críticas e potenciais dicas de aprimoramento distintas sobre a representação autista em *Atypical*.

O referido objeto traria como foco os sentimentos de identificação e satisfação advindos de pessoas que, do seu ponto de vista, teriam mais lugar de fala ao abordar o tema; no caso, autistas.

A escolha do formato documentário deve-se à intenção de se reforçar o papel desse tipo de narrativa como ferramenta de mobilização social. Papel este que é discutido por Zandonade e Fagundes (2003) em sua obra *O vídeo documentário*

como instrumento de mobilização social, em que afirmam que ele tem definições variadas nos aspectos de gêneros e tipos, mas, uma função bem delimitada:

[...] a função do documentário é reconhecida com unanimidade pelos documentaristas que, acreditam no objetivo de estabelecer um elo de ligação entre os receptores da mensagem transmitida e o realizador da obra, de forma a permitir uma empatia capaz de proporcionar uma reflexão sobre os fatos cotidianos que lhes cercam. (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p.16)

De acordo com as mesmas autoras, tal percepção pode ser ainda complementada pela de Penafria (2001), segundo a qual a função principal do gênero é:

incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. Apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêem ou lhes escapa. (PENAFRIA, 2001, p.5, apud FAGUNDES; ZANDONADE, 2003, p.16-17)

Desta forma, e considerando que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) implica características que poderiam ser interpretadas como "dificuldades ou condicionalismo diversos" relacionadas, principalmente, à participação social, realização de ações diárias e ao desenvolvimento de independência por aqueles que se encontram no espectro (OPAS/OMS Brasil, 2017); o documentário também pode vir a servir como "ponte" para melhor compreensão de algumas das principais características desta condição e gerar empatia entre mundos que pouco, ou com dificuldade, dialogam, no caso, pessoas que estão no espectro autista e aqueles e aquelas que se encontram fora dele.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Verificar, tendo como foco os sentimentos de identificação e satisfação, a percepção de um grupo de pessoas autistas quanto à representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na série *Atypical*.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Identificar quais os principais aspectos da representação autista na série que tendem a suscitar sentimentos de identificação em um grupo de pessoas com TEA;
2. Verificar se a representação autista na série é considerada satisfatória para estas pessoas;
3. Produzir um documentário, de forma a contribuir com a repercussão da voz de um grupo de pessoas no espectro autista quanto à série.

4. REVISÃO TEÓRICA

4.1. REPRESENTAÇÃO

Primeiramente, sob uma visão etimológica do termo, é estabelecido que 'representação' "trata-se de uma palavra de origem latina, oriunda do vocábulo *repraesentare* que significa 'tornar presente' ou 'apresentar de novo' " (SANTOS, 2011, p. 28).

Em uma abordagem sobre a representação autista nas telas de tv e cinema, Prochnow⁵ (2014), por meio da obra *Análise do autismo através da representação midiática*, aponta que "a televisão e o cinema estão limitados no que escolhem ilustrar e destacar sobre o TEA em suas programações" (PROCHNOW, 2014, p.133-134). Para ela, apesar de haver a constatação de que o autismo tem "uma ampla gama de características e tipos que podem ser difíceis de cobrir" (PROCHNOW, 2014, p.134) e a televisão e o cinema não serem "culpados" por isso, "eles ainda sim exibem poucos aspectos do autismo para serem considerados representativos" (PROCHNOW, 2014, p.134).

Em sua análise, Prochnow (2014) aponta quatro diferentes tipos de categorias de personagens autistas apresentados na mídia contemporânea: 1) o mágico/savant, apresentado como tendo habilidades sobrenaturais 2) o 'diferente'/peculiar, que consegue se encaixar em um círculo social ao abraçar os

⁵ Bacharel em Artes (BA) - Sociologia, na Universidade Fordham.

"traços e comportamentos 'diferentes' como partes inerentes" (PROCHNOW, 2014, p. 139) de si mesmo, "em vez de considerá-los como sintomas de um transtorno" (PROCHNOW, 2014, p. 139) 3) "o personagem com comportamentos não diagnosticados/não rotulados 4) o personagem cuja representação é mais realista ou até mesmo baseada na vida real de uma pessoa" (PROCHNOW, 2014, p.134).

Apesar de um único personagem não poder representar toda a heterogeneidade do espectro autista (CONN; BHUGRA, 2012 apud NORDAHL-HANSEN; TØNDEVOLD; FLETCHER-WATSON, 2017), o encorajamento de um número maior e mais variado de personagens nas telas, especialmente em séries, devido ao caráter mais prolongado dessas e, conseqüentemente, mais influente sob uma perspectiva cotidiana de conscientização do público; talvez possa abrir um caminho para uma representação mais multifacetada da condição (NORDAHL-HANSEN; TØNDEVOLD; FLETCHER-WATSON, 2017).

Quanto ao cuidado com uma representação condizente com a realidade, Nordahl-Hansen, Tøndevold e Fletcher-Watson (2017), em sua obra *Saúde mental na tela: uma dissecção do DSM-5 de retratos dos transtornos do espectro do autismo em filmes e TV*, afirmam que "a precisão é central para a distinção entre representações benéficas e prejudiciais na mídia" (NORDAHL-HANSEN; TØNDEVOLD; FLETCHER-WATSON, 2017, p.1), considerando que

(...) mesmo quando a experiência pessoal está disponível, as pessoas podem confiar nas representações da mídia para entender como a experiência se relaciona com a ampla gama de apresentações, contribuindo para as atitudes estereotipadas que prevalecem (DRAAISMA, 2009; GARNER, 2014; apud NORDAHL-HANSEN; TØNDEVOLD; FLETCHER-WATSON, 2017, p.1).

Em outras palavras, uma representação imprecisa pode influenciar na percepção geral do TEA para quem não está no espectro, além de contribuir com estereótipos.

4.2. IDENTIFICAÇÃO

Em uma perspectiva psicológica de 'identificação', considera-se a obra *O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud*, de Guimarães e Celes (2007).

Para Guimarães e Celes (2007), a terceira modalidade de identificação é a que desperta maior interesse de Freud, justamente por ser ela a responsável pela formação de coletividades, por ligar entre si os membros de um grupo. Florence (1994 apud GUIMARÃES; CELES, 2007) sugere que essa modalidade:

pode nascer a cada vez que é percebido um ponto em comum com uma pessoa que não é objeto sexual, e quanto mais essa comunhão é significativa, mais essa identificação parcial pode criar novos laços sociais (a relação com o chefe, a simpatia e toda forma de compreensão, mesmo intelectual) (1994, p. 136, apud GUIMARÃES; CELES, 2007, p. 342-343).

Já sob uma perspectiva cultural, Hall⁶ (1997) aponta para uma visão de identidade que considera as influências das revoluções culturais. Em *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*, ele afirma que a sociedade deve

pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles) (HALL, 1997, p. 26-27).

Desta forma, pode-se inferir que o espectador é passível de sentir algum grau de identificação para com o que é retratado em um produto cultural, no caso, uma obra audiovisual como *Atypical*.

4.3. SATISFAÇÃO

O conceito de satisfação utilizado na presente pesquisa teve como base o relatado na obra *Administração de Marketing*, de Kotler e Keller (2012), de forma adaptada.

Segundo Kotler e Keller (2012), a satisfação, no contexto da administração de marketing, pode ser entendida como "o sentimento de prazer ou decepção que resulta da comparação entre o desempenho (ou resultado) percebido de um produto e as expectativas do comprador" (KOTLER; KELLER, 2012, p. 134). Caso o

⁶ Teórico cultural visto como "um dos mais sensíveis e engajados intelectuais do pós-guerra" (COSTA; WORTMANN; SILVEIRA, 2014, p. 635) e um dos pioneiros no campo dos estudos culturais britânicos.

desempenho do produto não alcance as expectativas do cliente, este ficará insatisfeito (KOTLER; KELLER, 2012).

No presente contexto, tal conceito pôde ser adaptado e aplicado em relação às expectativas do espectador ou espectadora com TEA para com o resultado da representação autista na série.

4.4. DOCUMENTÁRIO

4.4.1. História

No que se refere ao nascimento do filme documentário, alguns autores afirmam ser coincidente com o do próprio cinema, no final do século XIX; mais especificamente, 1895, com a apresentação do Cinematógrafo Lumière e a projeção feita por este, em que se viram: "operárias de saias largas e chapéus de plumas a sair do atelier, operários a pedalar nas bicicletas, seguidos dos patrões numa carruagem puxada por dois cavalos(...)" (PENAFRIA, 1999, p.37). Todavia, Manuela Penafria (1999), em seu *Filme Documentário: História, identidade, tecnologia*, aponta que o que os pioneiros das imagens em movimento fizeram à época foi registrar atividades e ação do mundo, aquilo que escapa ao olho humano, sem, contudo, constituir um documentário.

Os filmes *documentaires*, como ficaram conhecidas essas produções, que vieram a ter cinco ou mais minutos, apenas reproduziam ou espelhavam o que, "sem a ajuda ou intervenção da câmara, o público poderia presenciar"(PENAFRIA, 1999, p. 38).

O documentário não nasceu com o cinema. O que nasceu com o cinema foi o princípio de toda a não-ficção: filmar os atores naturais, a espontaneidade do seu gesto e o meio ambiente que os ou nos rodeia. A não-ficção coincide, pois, com a invenção da imagem em movimento. (PENAFRIA, 1999, p.38).

Para Penafria (1999), na não-ficção/*documentaires*, o objetivo inicial da filmagem era apenas o de registrar diversas atividades, quer humanas, quer animais. Com isso, o olhar dos autores era condicionado para a mera reprodução. Questionar e definir uma prática de documentarismo era prematuro, não havendo, pois, a definição para uma prática, mas uma contribuição para a mesma.

Neste contexto, a fase de definição de identidade do documentário veio a se concretizar com os anos 1920, por meio do americano Robert Flaherty e do soviético Dziga Vertov. Segundo Penafria (1999), mesmo nenhum dos dois tendo se apelidado de documentaristas na época ou alegado produzir documentários:

(...) são os dois grandes pilares em que se assenta o posicionamento do documentário e dos documentaristas no panorama da produção de imagens em movimento; os seus filmes *Nanuk, o Esquimó* (1922) e *O Homem na Câmara* (1929), respectivamente, marcam o início da história do cinema documental e abrem caminho para a afirmação da identidade do filme documentário e do documentarista (PENAFRIA, 1999, p.39).

De acordo com a autora, é por meio de Flaherty e Vertov que são estabelecidas duas das principais características do documentário, sendo essas: imagens do filme dizem respeito ao que tem existência fora dele e organização das imagens obtidas por meio do registro *in loco*, segundo uma determinada forma. Ela enfatiza a forma como afetaram a dinâmica existente:

organização força o filme a não se pautar por uma mera descrição, apresentação descaracterizada ou sucessão sem propósito aparente das imagens obtidas *in loco*. O documentarista, por seu lado, é cúmplice das características enunciadas. O impulso de registrar o mundo é essencial para o documentário e, mais concretamente, para o documentarista. A câmera de filmar sai do estúdio, vai de encontro ao mundo. As imagens, o principal material do filme, são recolhidas *in loco*, os actores são as próprias pessoas, sendo, portanto, actores naturais e o cenário é próprio meio ambiente em que vivem (PENAFRIA, 1999, p.39).

No que tange ainda às contribuições para a construção da identidade desse gênero cinematográfico e para a busca por seu reconhecimento como tal, Penafria acrescenta o movimento do documentarismo britânico da década de 1930, com o escocês John Grierson sendo sua figura mais emblemática. Ela esclarece que foi através dele que o documentário "ganhou autonomia e assumiu uma identidade própria" (PENAFRIA, 1999, p.45).

Com a escola de Grierson, veio o tratamento criativo da realidade, do material recolhido, o papel ativo, interventor, do autor do filme; e, acima de tudo, a assunção de uma dimensão social do documentário, a visão dele como instrumento de educação pública, com uma conseqüente utilização da voz *off*.

Desta forma, pelos documentários da escola de Grierson, "é apresentado um determinado problema e a solução para o mesmo e, eventualmente, de que modo a

população podia contribuir para ultrapassar os problemas que a afectava" (PENAFRIA, 1999, p.45).

Na visão de Penafria (1999), "a herança que Grierson deixou ao documentário é considerável, por ter institucionalizado sua identidade, e, ao mesmo tempo, vulnerável, pela incerteza dos termos que pregou" (PENAFRIA, 1999).

(...) com Grierson, ficou definitivamente clarificado que, para chamarmos documentário a um determinado filme, não basta que o mesmo mostre apenas o que os irmãos Lumière nos mostraram: que o mundo pode chegar até nós pelo olhar da câmara. É absolutamente necessário que o autor das imagens exerça o seu ponto de vista sobre essas imagens. É necessário o confronto de um outro olhar: o olhar do documentarista que se constitui como ponto de vista sobre determinado assunto (PENAFRIA, 1999, p. 55).

Em suma, a Escola de Grierson concedeu os toques finais ao estilo hoje reconhecido como documentário clássico, em que:

imperava a "voz de Deus", na qual o narrador do filme deve educar e instruir o espectador sobre o tema apresentado. A abordagem do tema é explícita, pois é o documentarista que guia o espectador dentro das imagens, com sua voz onipotente centralizadora (RUARO, 2007, p.12).

De acordo com Ruaro (2007, p.12),

este estilo é ainda muito comum em documentários televisivos, principalmente em canais de assinatura, como Discovery Channel e National Geographic. É o estilo que ficou marcado no grande público como definição de documentário, talvez pelo seu alcance a um maior número de pessoas (RUARO, 2007, p.12).

4.4.2. Tipos de Documentário

Uma vez apresentadas as principais características que ajudaram a estabelecer a identidade do documentário, Penafria (1999) enuncia os diferentes tipos de manifestações do gênero, sendo esses:

Documentário de Exposição

Neste, impera a voz *off* do narrador, que busca dar uma explicação sobre as imagens retratadas. "Essas imagens são a evidência irrefutável da argumentação

aduzida pela voz do narrador, mesmo quando se usa a reconstrução, a qual é permitida desde que sincera e justificável" (PENAFRIA, 1999, p.59). Foi concebido pela Escola de Grierson para uso no sentido de educação pública.

Documentário de Observação

Também chamado de cinema direto ou *fly-on-the-wall*, parte do princípio absoluto de que o autor do filme nunca deve intervir nos acontecimentos filmados, buscando o máximo de espontaneidade das pessoas e dos ambientes gravados; no entanto, assume que a presença da câmera por si só pode influir no comportamento habitual destes.

O som síncrono, salvo raras exceções, é uma constante, sendo a utilização de planos-sequência uma das suas principais características. Também o é o <estilo indirecto>: as pessoas não falam para a câmara; relacionam-se umas com as outras. Como há ausência de comentário, a ênfase coloca-se no aqui e agora, no imediato, no íntimo, no particular, no pessoal, no comparável com o que um observador poderia experimentar. (PENAFRIA, 1999, p.59)

Documentário Interativo

Em oposição ao cinema direto, o documentário interativo ou cinema verdade, ou ainda *fly-on-the-soup*, caracteriza-se pela intervenção direta do autor nos acontecimentos, sendo a entrevista um dos meios mais explorados. "(...) o autor do filme é visível na acção, intervém nela, faz parte dela" (PENAFRIA, 1999, p.64).

Neste tipo de filme há a salientar a relação próxima entre o autor e o tema do filme. Esta relação passa pela presença física do autor no próprio filme. O grau de ausência/presença pode variar: pode ser ouvido, visto ou, apenas marcar a sua presença através dos títulos e legendas. Os documentários interactivos colocam em confronto, seja o autor com as pessoas que filma, seja a equipa de filmagens com as pessoas que filmam. (PENAFRIA, 1999. p. 64-65)

Documentário Reflexivo

Com base no pensamento de um dos seus principais expoentes, Dziga Vertov, o documentário reflexivo é caracterizado pela preocupação em "(...) revelar o processo de produção fílmica" (PENAFRIA, 1999, p.70).

Para Penafria,

Ser reflexivo é estruturar um produto de modo que produtor, processo e produto sejam um todo coerente.

Nas manifestações reflexivas não será, de modo algum, obrigatório revelar todo o processo de produção inerente ao filme. O autor do mesmo deve ser suficientemente reflexivo para saber quais os aspectos mais relevantes a apresentar, no que diz respeito ao produtor e/ou ao processo, e que essa apresentação é propositada. Só assim um determinado filme é reflexivo. (PENAFRIA, 1999, p.69)

Documentário Digital

Em consonância com as inovações proporcionadas pelo suporte digital e suas implicações de produção multimídia, Penafria (1999) aponta a interatividade presente no documentário digital como principal diferencial dos documentários provenientes de tecnologia analógica. "Aqui, a interactividade substitui a linearidade narrativa" (PENAFRIA, 1999, p.95).

E, para o documentarista, as tecnologias informáticas apresentam-se como mais um suporte apropriado ao <tratamento criativo da realidade>, acrescentando-se a oportunidade de explorar a interactividade que possibilita um envolvimento das pessoas que consultarem a informação. A tradicional narrativa linear a que o espectador se submete é, assim, substituída pela interactividade. O único percurso antes oferecido é agora substituído por diferentes percursos. No entanto, só existe a interactividade que o autor permitir. Nos produtos multimédia é o interactor que escolhe o percurso que segue, mas escolhendo apenas entre as possibilidades que lhe são dadas. (PENAFRIA, 1999, p.96)

Nesta conjuntura, se faz relevante a menção à escolha do tipo adotado na elaboração da presente pesquisa, sendo esta representada pelo tipo interativo (ou *fly-on-the-soup*), considerando, principalmente, a utilização da entrevista na condução do tema, que representa uma das alternativas mais adequadas para a obtenção das respostas para o principal questionamento da pesquisa. Todavia, a fim de enriquecer a linguagem narrativa do referido documentário, há também o aproveitamento de algumas das características principais de outros tipos, sendo a utilização do suporte digital na veiculação do produto um exemplo.

5. CONTEXTUALIZAÇÃO

5.1. ATYPICAL

Atypical (2017) é uma série produzida pelo serviço de *streaming* Netflix que tem como protagonista um adolescente diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sam Gardner tem dezoito anos, está no Ensino Médio e frequenta sessões de terapia quando é introduzido no primeiro episódio da série.

Filho mais velho do casal Elsa e Doug, e irmão de Casey, também adolescente, o personagem tem algumas das características principais de quem se encontra no espectro autista evidenciadas ao longo da série. Algumas dessas características são seus hiperfocos (interesses restritos e repetitivos), representados por seu fascínio por tudo relacionado a pinguins e à Antártida; a manifestação de *stims* — "formas de expressivas do corpo manifestar uma tentativa de equilíbrio" (SANTOS, 2021), sendo a ocorrência de ecolalia, que é a repetição de sons, um exemplo —; hipersensibilidade a sons, luzes e texturas; e dificuldades em lidar com mudanças na rotina — reflexo de padrões ritualizados de comportamento para pessoas autistas —, assim como entender o sentido figurado, interagir socialmente e compreender emoções, gestos e expressões faciais. Sam é reconhecido como um autista de "alto funcionamento" por sua terapeuta.

A narrativa da série não tem como ponto de partida o diagnóstico de Sam, tendo em vista que este se deu durante sua primeira infância, mas sim a forma como o amadurecimento dele tem como consequência a vontade de experienciar algo típico de jovens da sua idade, como um namoro. Dessa forma, o espectador passa a acompanhar suas dinâmicas nos ambientes familiar, escolar, profissional — ele trabalha em uma loja de eletrônicos — amoroso e, eventualmente, universitário, em meio a busca por esses tipos de experiência, que vem a ser impactada pelas características do TEA.

Na dinâmica familiar, a matriarca Elsa apresenta-se como uma mãe presente, solícita e atualizada em relação às necessidades daqueles e daquelas que estão no espectro. Elsa participa de marchas, grupos de apoio para mães de crianças e adolescentes com TEA, e procura adequar aspectos cotidianos da vida doméstica às particularidades de Sam, como lavar sempre a roupa com determinado sabão e comprar peças de vestuário de tecido 100% algodão devido às questões sensoriais

dele. Ao mesmo tempo, a personagem mostra-se um tanto quanto superprotetora ao ver o jovem tentar dar os primeiros passos na aquisição de certa independência, por receio de que interações malsucedidas entre ele e indivíduos que não estão no espectro (neurotípicos) possam lhe desencadear surtos e crises.

Já Doug, pai de Sam e marido de Elsa, demonstra querer compensar certo distanciamento emocional que teve com o filho ao longo dos anos — na série, é revelado que, em determinado momento da infância dos adolescentes, o pai abandonou a família, por não conseguir lidar com o fato do filho estar no espectro —, por meio de maior interesse e participação em atividades que envolvam diretamente Sam e seus gostos, como a observação de pinguins em um observatório e o acompanhamento e o aconselhamento de acontecimentos do cotidiano do filho.

Casey Gardner, irmã mais nova adolescente de Sam, é com quem o protagonista mantém uma relação fraternal típica, permeada por provocações e ocasionais desentendimentos, mas também companheirismo, cuidado e um senso de responsabilidade de Casey em relação às necessidades do irmão, principalmente no ambiente escolar. É esse último fator, inclusive, que propicia um arco de hesitação da personagem em aceitar uma bolsa de estudos, graças ao seu desempenho excepcional em atletismo, durante a primeira temporada da série. A bolsa, em uma escola de elite e diferente da do irmão, implicaria ela deixar de se tornar uma presença rotineira e familiar na escola de Sam, tornando necessário o desenvolvimento de uma maior independência por parte dele.

O ambiente escolar de Sam, por sua vez, mostra-se carregado de aspectos desafiadores para quem se encontra no espectro, sejam os relacionados à interação social — Sam demonstra dificuldade em socializar com colegas dentro e fora da sala de aula em virtude, principalmente, das manifestações de seus hiperfocos e das interpretações literais de expressões verbais —, sejam os desencadeados por hipo ou hiperreatividades a estímulos sensoriais — o estudante precisa utilizar fones de ouvido canceladores de ruídos para se sentir suficientemente confortável nesse ambiente. É na escola, no entanto, que o adolescente tem contato com um de seus principais interesses amorosos na série: Paige Hardaway.

Paige é uma colega de Sam que desenvolve sentimentos por ele ao longo da narrativa, chegando a tornar-se sua eventual namorada. Ciente do TEA e das implicações no seu relacionamento, a personagem tem papel importante no que se refere a uma conduta mais inclusiva entre os jovens — em determinado momento da

série, ela chega a conseguir promover um baile silencioso na escola, no qual os estudantes utilizam fones de ouvido para escutar música, de forma a permitir que Sam também pudesse participar do evento sem se sentir sobrecarregado devido aos sons altos.

O aspecto profissional da vida de Sam é explorado em *Atypical* por meio de seu cargo como atendente em uma loja de eletrônicos, evidenciando sua responsabilidade em lidar com atribuições além dos ambientes escolar e doméstico. Tal cenário também serve como palco para as conversas entre o protagonista e seu colega de trabalho e amigo, Zahid. Também jovem, Zahid age muitas vezes como ouvinte e conselheiro de Sam, principalmente em relação a sua vida amorosa.

Vale mencionar que a narrativa da série, eventualmente, busca ainda ressaltar os desafios de autistas no ambiente universitário, por meio do ingresso de Sam neste ambiente, após sua formatura no Ensino Médio — em determinado episódio, é mencionada uma estatística de que a cada cinco pessoas no espectro, quatro não conseguem se formar na universidade dentro do período de quatro anos.

Além disso, a importância da terapia para autistas também ganha destaque em *Atypical*, seja por meio do acompanhamento das sessões regulares de Sam com profissionais, seja pela eventual participação dele em um grupo de apoio para jovens que também têm TEA — interpretados por atores e atrizes com a condição na vida real após críticas, na primeira temporada da série, apontarem uma carência de atores e atrizes com TEA no elenco —, de forma a promover a troca de experiências e desabafos sobre suas inquietações.

5.2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

5.2.1. História

A denominação Transtorno do Espectro Autista (TEA), em conformidade com o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais - 5ª edição (DSM-V)* — utilizado como guia sobre como é feito o diagnóstico de transtornos mentais por pesquisadores, clínicos e estudantes —, é resultado das alterações que o termo autismo perpassou ao longo dos anos (ONZI; GOMES, 2015). Etimologicamente, "o autismo é compreendido como um estado ou uma condição, que parece estar recluso em si próprio" (ONZI; GOMES, 2015, p.189).

Thomas L. Whitman, autor de *O desenvolvimento do autismo*, relata que a maior parte das publicações sobre o TEA se iniciou a partir dos anos 1940. Whitman (2015) afirma que antes das contribuições do psiquiatra infantil Leo Kanner (1943) e do pediatra Hans Asperger (1944), "os indivíduos autistas tendiam a ser incluídos como particularidade de outros transtornos, como psicose infantil ou retardo mental, ou eram simplesmente vistos como pessoas estranhas e peculiares" (WHITMAN, 2015, p. 17-18). Ele ressalta que

embora as discussões sobre o autismo tenham começado mais de 60 anos atrás, seu pleno reconhecimento como uma entidade separada de outros transtornos, como a esquizofrenia na infância ou o retardo mental, evoluiu apenas gradualmente. (WHITMAN, 2015, p. 16)

Segundo Whitman (2015), foi através de Kanner que surgiu a menção ao chamado autismo infantil, caracterizado por:

incapacidade de se relacionar com pessoas; falha no uso da linguagem para fins de comunicação em situações sociais; resistência a mudanças e uma preocupação excessiva com manter tudo igual; orientação para objetos em vez de pessoas; boas capacidades cognitivas-intelectuais; falta de resposta ao ambiente; rígida adesão a rotinas e tumulto emocional quando os rituais eram perturbados; linguagem incomum que incluía tendências para repetir a fala de respostas literais e utilização de pronomes inapropriadamente. (WHITMAN, 2015, p. 16-17)

Kanner "acreditava que a maioria das crianças tinha inteligência acima da média, uma perspectiva não compartilhada pela maioria dos estudiosos e pesquisadores atuais" (WHITMAN, 2015, p. 17); e "via o autismo, pelo menos em parte, como resposta a um estilo de criação infantil sem valor emocional" (WHITMAN, 2015, p. 17), responsabilizando, de certa forma, os pais e as mães das crianças pelo transtorno.

Por estas razões, apesar de ser creditado por suas contribuições para a descrição do autismo infantil, Kanner é frequentemente criticado por suas ideias sobre a origem dele (WHITMAN, 2015).

Já o pediatra Hans Asperger, segundo Whitman (2015), angariou atenção ao descrever uma síndrome semelhante ao descrito por Kanner em seu artigo, a qual denominou Síndrome de Asperger. Caracterizados por limitações sociais e interesses obsessivos, os indivíduos com a Síndrome, hoje reconhecidamente

dentro do espectro autista, mostravam-se mais típicos em seu desenvolvimento da linguagem (WHITMAN, 2015).

A fala deste grupo, ainda que não fosse atrasada, também era incomum e estereotipada, e outros aspectos de sua comunicação eram considerados estranhos, como expressões apáticas e gestos inapropriados. Wing (1981) levou o trabalho de Asperger (1944) à atenção de plateias profissionais, em uma tentativa para diferenciar uma forma de autismo que não se ajustava ao estereótipo de Kanner de crianças que não se comunicavam (WHITMAN, 2015, p. 17)

Além de Kanner e Asperger, Whitman (2015) aponta que Bernard Rimland também teve papel de destaque nas contribuições para a história inicial do transtorno. De acordo com ele, em 1964, Rimland fez menção a pesquisas que apontavam que:

1) Os padrões de personalidade da maioria dos pais de crianças autistas não se ajustaram à caracterização estereotipada (de frios e distantes) de Kanner sobre eles; 2) a maioria dos irmãos de crianças com autismo não tinha autismo; 3) a proporção de meninos autistas para meninas era tipicamente em torno de três ou quatro para um caso; 4) havia comorbidade de autismo em gêmeos idênticos; e 5) sintomas típicos do autismo estavam associados com uma disfunção cerebral orgânica. (WHITMAN, 2015, p.18-19)

Neste contexto, e levando em conta a evolução dos estudos sobre o TEA ao longo dos anos, o termo hoje engloba os transtornos antes chamados autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (APA, 2014, p.53).

5.2.2. Características do TEA

O TEA apresenta como características essenciais as seguintes manifestações no indivíduo: prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social, e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; com esses sintomas estando presentes desde o início da infância e limitando ou prejudicando o funcionamento diário (APA, 2014, p.53).

De acordo com Oliveira e Sertié (2017),

Embora definido por estes principais sintomas, o fenótipo dos pacientes com TEA pode variar muito, abrangendo desde indivíduos com deficiência intelectual (DI) grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas, até indivíduos com quociente de inteligência (QI) normal, que levam uma vida independente. Estes indivíduos também podem apresentar uma série de outras comorbidades, como hiperatividade, distúrbios de sono e gastrintestinais, e epilepsia.(2) Estima-se que o TEA afete 1% da população e seja quatro vezes mais prevalente entre homens do que entre mulheres.(3) (OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017, p. 233-234)

Ademais, o TEA é compreendido como

uma condição que tem início precoce e cujas dificuldades tendem a comprometer o desenvolvimento do indivíduo, ao longo de sua vida, ocorrendo uma grande variabilidade na intensidade e forma de expressão da sintomatologia, nas áreas que definem o seu diagnóstico. (ZANO; BACKES; BOSA, 2014, p. 25)

Tabela 1 — Níveis de gravidade para o TEA

TABELA 2 Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista		
Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 "Exigindo apoio muito substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 "Exigindo apoio substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 "Exigindo apoio"	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: APA, 2014, p.52

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

6.1. ETAPAS DA PESQUISA

6.1.2. Pesquisa Documental

A pesquisa documental desta produção foi feita a partir da visita ao site da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), que forneceu dados oficiais a respeito da estimativa de pessoas que possuem TEA, das principais características deste transtorno e suas implicações na vida social.

Neste contexto, foram realizadas a busca e a leitura de críticas sobre a representação autista em *Atypical* além das da usuária Haley Moss⁷, da comunidade on-line The Mighty; e de James Sinclair⁸, fundador do site Autistic & Unapologetic. Foram consultadas as críticas feitas por John Hugar,⁹ crítico do portal de entretenimento on-line The A.V. Club, e Matthew Rozsa¹⁰, do veículo de jornalismo on-line Salon. Houve ainda o contato com o relato em vídeo publicado pelo youtuber Willian Chimura, que se apresenta como um autista de nível um de suporte, em seu canal no Youtube. No vídeo, Willian aborda diretamente os aspectos que o fazem sentir identificação com o protagonista da série.

Os dados a respeito da posição de *Atypical* em rankings anuais de séries mais maratonadas no Brasil e sua recepção pela crítica especializada foram obtidos por meio de sites de entretenimento, como o Série Maníacos, e agregadores de críticas, como Metacritic e Rotten Tomatoes. Ademais, foram utilizadas informações oficiais, disponibilizadas pelo serviço de streaming Netflix, sobre a série.

⁷ MOSS, Haley. My Autistic Opinion of Netflix's 'Atypical'. **The Mighty**, 2017. Disponível em: <https://themighty.com/2017/08/atypical-autistic-review/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

⁸ SINCLAIR, James. The New Face of Autism: Atypical Review (Spoiler-Free). **Autistic & Unapologetic**, 2017. Disponível em: <https://autisticandunapologetic.com/2017/09/23/the-new-face-of-autism-atypical-spoiler-free/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

⁹ HUGAR, John. The more *Atypical* tries to get autism "right", the more things go wrong. **The A.V. Club**, 2017. Disponível em: <https://tv.avclub.com/the-more-atypical-tries-to-get-autism-right-the-more-1798191910>. Acesso em: 22 nov. 2019.

¹⁰ ROZSA, Matthew. Netflix's "Atypical" is offensive, but that's not its real problem. **Salon**, 2017. Disponível em: <https://www.salon.com/2017/08/07/netflix-atypical-review/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

6.1.3. Revisão Bibliográfica

A revisão bibliográfica desta pesquisa foi iniciada no mês de março de 2020, período em que foi decretado o estado de calamidade pública no Distrito Federal (DF) em razão da pandemia de Covid-19. A revisão foi encerrada em novembro do mesmo ano. A pandemia teve como algumas de suas consequências a suspensão das aulas presenciais na Universidade de Brasília (UnB) e a adoção de um formato remoto de acompanhamento e orientação do projeto de pesquisa por parte da professora Dione Oliveira Moura (orientadora).

A doutoranda em Ensino Orientado Ana Maria Teles, da disciplina Pré-Projeto em Jornalismo, também acompanhou o desenvolvimento do projeto, inclusive no intervalo de semestre suspenso em função da pandemia, como já citado.

A revisão bibliográfica se fez presente por meio do embasamento teórico utilizado na enunciação dos principais argumentos para a escolha do formato documentário como forma de concretização da pesquisa, no relato sobre a história e características do gênero documentário e do Transtorno do Espectro Autista, assim como na abordagem dos conceitos de representação, identificação e satisfação.

6.1.4. Pré-produção

A pré-produção do documentário comportou a listagem das principais fontes dispostas a serem entrevistadas; elaboração das perguntas para o pré-teste e as entrevistas gravadas em vídeo; realização do pré-teste; definição da forma (presencial ou remota) de gravação do documentário, tendo em conta os cuidados necessários diante do cenário da pandemia de Covid-19; escrita do roteiro e criação do cronograma de gravação.

6.1.4.1. Pré-teste

O pré-teste da pesquisa foi realizado em dezembro de 2020 com a profissional de Psicologia Josiane Soares, que se encontra no espectro autista e tem 24 anos. A ela, foi enviada uma série de 11 questionamentos — disponibilizada na íntegra no **APÊNDICE A** — a respeito da satisfação e identificação com a

representação autista em *Atypical*. As respostas foram registradas por meio do aplicativo de gerenciamento de pesquisas *Google Forms*.

6.1.4.1.1. *Resultados do Pré-teste*

Com base nas respostas apresentadas, foram constatados os seguintes fatos sobre a percepção da entrevistada:

- Ela sente satisfação com a representação na série;
- Acredita que o ator principal soube interpretar com precisão alguém que tem TEA;
- A relação do protagonista com a mãe dele a faz lembrar a relação dela com sua figura materna em algum aspecto. No caso, este aspecto é referente ao fato de sua mãe ser estimuladora como a dele;
- Ela não sentiu identificação na relação do Sam com o pai dele;
- Assim como o Sam, ela também tem interesses restritos e repetitivos (hiperfocos), sendo estes representados por patos e Psicologia;
- Ela sentiu identificação com a forma com que o Sam demonstra os interesses restritos e repetitivos dele na série;
- Ela sentiu algum tipo de identificação na relação do protagonista com a irmã dele;
- Assim como o Sam, ela chegou a ter dificuldades para fazer amizades no ambiente escolar, pois não sabia como agir;
- Ela sentiu identificação com a dificuldade do Sam em relação à vida amorosa;
- Assim como o Sam, ela faz terapia e afirma que esta a ajuda nas suas habilidades sociais.

6.1.5. **Produção**

Devido ao cenário da pandemia de Covid-19 e, como consequência, dos justificáveis receios dos entrevistados e das entrevistadas em realizar uma entrevista presencial, mesmo adotando os devidos cuidados, como o distanciamento físico seguro da entrevistadora, máscaras e uso de álcool em gel; além da problemática de grande parte dos contatados e contatadas residir fora do Distrito Federal (região em que a pesquisadora reside), a forma definida como mais apropriada para realização

das entrevistas para o documentário foi a remota. Para tal, foi utilizado o aplicativo para videoconferências *Zoom*, considerando a familiaridade da realizadora com a ferramenta e a preferência de uma das entrevistadas.

A produção do documentário "Vozes do Espectro" foi centrada no método de pesquisa de levantamento, com seis pessoas com TEA sendo submetidas a uma entrevista semiestruturada, ou seja, série de questionamentos pré-estabelecidos mas não inflexíveis. A coleta de depoimentos envolveu, em um segundo momento, entrevistas com outra psicóloga que também se encontra no espectro autista e não participou do pré-teste.

Vale ressaltar que, a princípio, os questionamentos voltados ao sexteto abarcariam, similarmente ao pré-teste, todas as dinâmicas da vida de Sam na série. No entanto, em consonância com os objetivos específicos da pesquisa, a realizadora priorizou perguntas que buscavam identificar os principais aspectos que suscitaram identificação com a representação autista em *Atypical* no grupo entrevistado, verificar a satisfação com esta e promover uma maior familiarização dos espectadores e espectadoras com algumas das características do espectro. Essas perguntas constam no **APÊNDICE B** deste memorial.

Por outro lado, os questionamentos presentes na entrevista com a segunda psicóloga foram realizados visando a obtenção de uma perspectiva de cunho mais profissional sobre algumas das principais características do TEA; porém, tendo um espaço menor no produto comunicacional em que foram expostas as respostas.

6.1.5.1. Entrevistas

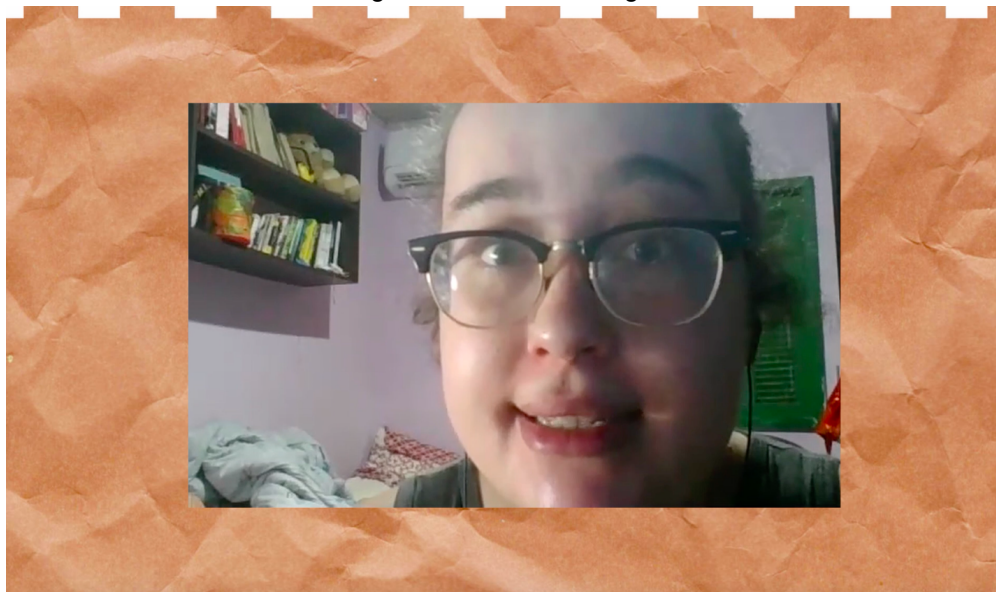
O período de gravação das entrevistas teve início na semana do dia 20 de janeiro de 2021 e foi encerrado em 11 de março do mesmo ano. A gravação do documentário teve como base a lista de potenciais fontes dispostas a falarem sobre o tema, assim como um roteiro de perguntas pré-estabelecidas sobre a pesquisa.

A primeira entrevistada foi a psicóloga e ativista autista Josiane Soares, de 24 anos. Soares já estava familiarizada com a dinâmica da entrevista devido a sua participação no pré-teste e foi a responsável pela indicação do contato e da proposta de pesquisa da realizadora a outros entrevistados e entrevistadas que demonstraram interesse em participar. Embora os assuntos abordados na entrevista com ela tenham sido relevantes, constatou-se a impossibilidade de utilização do

material gravado devido à qualidade baixa de imagem e luz em cena, relacionada à instabilidade da conexão da internet na chamada de vídeo. No entanto, a psicóloga seguiu promovendo uma "ponte" entre potenciais entrevistados e entrevistadas e a pesquisadora, logo, tendo um papel essencial na concretização da pesquisa.

A segunda entrevistada foi a também ativista autista Priscila Jaeger, de 25 anos. Colega de Soares e licenciada em Filosofia, Jaeger possui um perfil (elaesquizoafetiva) na rede social on-line *Instagram*, para conscientização quanto à saúde mental.

Figura 1 — Priscila Jaeger



Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"

A terceira entrevistada foi Polyana Sá. Também indicação de Soares, Sá tem 19 anos, é graduanda em Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia, ativista autista e dona de um perfil (heyautista) com conteúdo sobre autismo na mesma rede social on-line do perfil de Priscila.

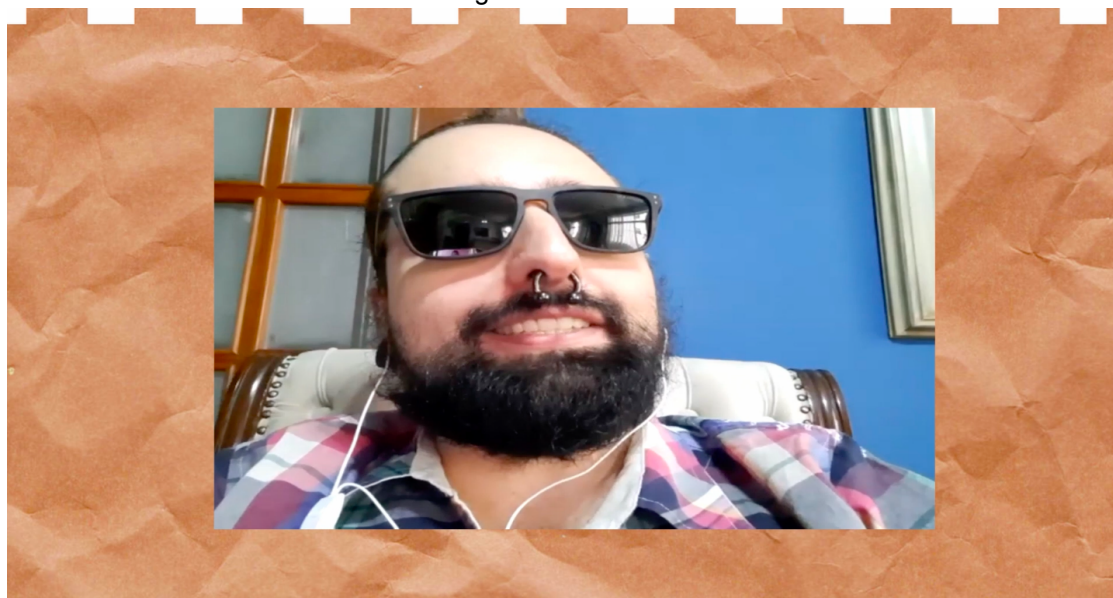
Figura 2 — Polyana Sá



Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"

A quarta entrevista foi feita com o educador especial Annibal Franco, de 35 anos. Outra indicação de Soares, Franco também exibe posts de natureza ativista autista em seu *Instagram*, apesar de seu perfil não aparentar ser voltado somente para este tema. Ao fim de sua entrevista, ele indicou um contato como potencial fonte: seu ex-aluno, Pedro Lucas Ribeiro, de 17 anos. Por meio de Franco, Ribeiro havia demonstrado interesse em participar da pesquisa, tendo sido, então, contatado e entrevistado pela pesquisadora. O sexto entrevistado foi outro colega da entrevistada Soares: o desenvolvedor web Gustavo Ferreira, de 28 anos.

Figura 3 — Annibal Franco



Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"

Figura 4 — Pedro Lucas Ribeiro



Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"

Figura 5 — Gustavo Ferreira



Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"

Neste contexto, foram realizadas ainda duas entrevistas com a psicóloga Maria Matilde Santos, de 40 anos, que também se encontra no espectro autista e foi indicada por Soares. Na entrevista que pôde ser melhor aproveitada, foram abordadas a definição de termos como *stims*, ecolalia, hiperfocos e *masking* — tópicos comuns à comunidade autista, trazidos à tona durante as outras entrevistas, e que constam no **GLOSSÁRIO** desta pesquisa.

Figura 6 — Maria Matilde Santos



Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"

Nas entrevistas com o sexteto (Josiane Soares, Priscila Jaeger, Polyana Sá, Annibal Franco, Pedro Lucas Ribeiro e Gustavo Ferreira) prevaleceram perguntas que versavam sobre o que significa ser autista, visando uma perspectiva mais intimista e menos técnica do TEA; a identificação ou não com a demonstração dos interesses restritos e repetitivos (hiperfocos) do Sam na série, os principais pontos de identificação com a representação autista em *Atypical* e a satisfação ou não com a última.

6.1.6. Pós-produção

6.1.6.1. Edição

A edição do material audiovisual obtido pela realizadora com as entrevistas começou no mês de março de 2021 e foi encerrada em maio do mesmo ano. Para tal, foi utilizado o aplicativo de correção de cores e edição de vídeo não-linear DaVinci Resolve e a plataforma de design gráfico Canva.

Cabe apontar que o documentário conta com um trecho da música *Deliberate Thought*, de composição de Kevin Macleod, que é reproduzida na narrativa graças a uma licença (*Creative Commons*) de direitos autorais.

A realizadora decidiu organizar o conteúdo dos depoimentos em quatro partes, de forma a dar mais leveza e objetividade à narrativa:

6.1.6.1.1. Parte 1

A primeira parte do documentário tem seis minutos e 29 segundos de duração e apresenta a premissa da pesquisa, seguida das perspectivas do quinteto composto por Priscila Jaeger, Polyana Sá, Annibal Franco, Pedro Lucas Ribeiro e Gustavo Ferreira quanto ao que significa ser autista.

6.1.6.1.2. Parte 2

A segunda parte conta com sete minutos e 53 segundos de duração e, no intuito de uma maior familiarização de espectadores e espectadoras com uma das características do TEA, aborda um questionamento, feito ao quinteto, em relação à

demonstração dos hiperfocos de Sam na série — os hiperfocos do personagem são evidenciados por seu fascínio por tudo relacionado a pinguins e à Antártida e ele, constantemente, verbaliza fatos sobre estes temas, assim como os desenha.

Visando oferecer um maior esclarecimento sobre hiperfocos no documentário, a realizadora optou por inserir nesta parte o depoimento da psicóloga Maria Matilde Santos sobre o tema. A fala da psicóloga aborda a questão da rigidez cognitiva — implicada nos hiperfocos das pessoas autistas — e serve como complemento ao depoimento da entrevistada Priscila Jaeger, que relatou ter dificuldade para sair do hiperfoco.

6.1.6.1.3. *Parte 3*

A terceira parte, de onze minutos e 43 segundos de duração, responde ao primeiro objetivo específico da presente pesquisa, expondo os principais aspectos da representação autista em *Atypical* que suscitaram identificação no grupo composto por Priscila Jaeger, Polyana Sá, Annibal Franco, Pedro Lucas Ribeiro e Gustavo Ferreira.

É também nesta parte que há a menção a algumas das principais características de quem se encontra no espectro autista, dentre elas os *stims*. Nesse contexto, houve ainda a inclusão de uma explicação um pouco mais detalhada sobre este termo e o termo ecolalia. Tal decisão deve-se ao fato da pesquisadora ter considerado tais temas menos difundidos fora da comunidade autista, sendo, portanto, passíveis de maior esclarecimento dentro da narrativa. O mesmo ocorreu com o termo *masking*, que foi trazido à tona no depoimento da entrevistada Polyana Sá para a parte. Os três termos foram esclarecidos na narrativa audiovisual, em mais uma contribuição da psicóloga Maria Matilde Santos, além de constarem no **GLOSSÁRIO** do presente memorial.

6.1.6.1.4. *Parte 4*

Para encerramento do documentário, a quarta parte, de sete minutos e 29 segundos de duração, responde ao segundo objetivo específico da pesquisa ao apresentar e adaptar a interpretação de Kotler e Keller (2012) em relação ao

sentimento de satisfação e expor as visões do quinteto quanto à representação autista em *Atypical* ser ou não ser considerada satisfatória.

6.1.6.2. Disponibilização

A plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube* foi escolhida para a disponibilização do documentário. Para tanto, foi criado um canal, intitulado "Vozes do Espectro".

7. ANÁLISE DE RESULTADOS

7.1. PRINCIPAIS ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO AUTISTA EM ATYPICAL QUE SUSCITARAM IDENTIFICAÇÃO NO GRUPO ENTREVISTADO

Na perspectiva da entrevistada Priscila Jaeger

Há identificação, principalmente, com a questão das crises autistas do Sam e o fato dele não entender algumas palavras e expressões. Ela afirma ter passado por situações similares às do protagonista na sua época de escola.

Na perspectiva da entrevistada Polyana Sá

Os principais aspectos de identificação com o Sam residem no fato dele não entender ironias, sarcasmo e ter *stims* (formas expressivas do corpo manifestar uma tentativa de equilíbrio), sendo a ecolalia (repetição de sons) um exemplo.

Além disso, Sá relata ter se identificado com a dificuldade do Sam em fazer amigos; no entanto, ela ressalta que sua dificuldade era manifestada de uma maneira diferente da dele, pois exercia um comportamento que afirma ser recorrente na comunidade autista, principalmente em mulheres, chamado *masking*. Esse tipo de comportamento, conforme esclarecimento da psicóloga Maria Matilde Santos à produção audiovisual, consiste em uma tentativa de encaixe social ou de resistência às pressões sociais de ser uma pessoa atípica, com a pessoa no espectro autista burlando totalmente sua atipicidade ao ter ações que simulam o comportamento típico.

Neste contexto, Sá relata que se identificou bastante com o protagonista, pois não conseguia interagir muito bem com os outros. Porém, ela afirma que sua forma de interação, considerando o *masking*, era um pouquinho distinta da de Sam: ela conseguia interagir, só que imitando as pessoas. Ela relata que encarava tudo como um grande teatro (seu hiperfoco na época) e que estudava os comportamentos de seus colegas e das suas colegas, para poder fazer igual e poder parecer normal perante eles.

Na perspectiva do entrevistado Annibal Franco

Dentre os principais pontos de identificação com o Sam está a hipersensibilidade. Ele declara ter uma hipersensibilidade visual muito grande e uma auditiva também, tendo de utilizar fones de ouvido, assim como o protagonista, para bloquear seus estímulos auditivos.

Franco também diz se identificar com a expectativa de Sam de que algo vá dar errado, citando uma cena da série em que o personagem é abordado por um policial e, nas suas palavras, fica muito nervoso. Da mesma forma, o entrevistado também se identifica com a questão ritualística do protagonista, apesar de afirmar não ser algo no mesmo nível do Sam, mas semelhante. A título de exemplo das questões ritualísticas, ele menciona ter de assoprar uma vela no seu aniversário, pois, caso contrário, seu ano pessoal não será bom. Ele ressalta que são coisas que, logicamente, sabe que não fazem sentido, mas que aprendeu desde a infância.

Na perspectiva do entrevistado Pedro Lucas Ribeiro

O principal ponto de identificação com a representação autista na série é a socialização bem reduzida, apesar do adolescente afirmar que Sam tem mais dificuldades para fazer amigos do que ele. Além disso, ele também compartilha com Sam uma preferência por assuntos mais relacionados ao seu gosto.

Na perspectiva do entrevistado Gustavo Ferreira

Há identificação com as dificuldades de socialização do Sam, ainda que ele afirme que a série exagere um pouco. Para Ferreira, a série precisa de um drama

maior para "prender" o telespectador e, por isso, há o uso de recursos tidos como um pouco mais "exagerados". Na sua concepção, é preciso, às vezes, a criação de um estereótipo para que o espectador possa entender o assunto (TEA). Ele explica que, caso a série colocasse "um autista muito leve", talvez o espectador não entendesse a mensagem e questionaria o que Sam teria de tão diferente. Em sua visão, há uma necessidade dos criadores de *Atypical* em enfatizar as características do TEA, para que pessoas que estão fora da comunidade autista entendam.

Ele relata ainda que se parecia muito com o Sam, principalmente quando era adolescente, no sentido de não entender ironias e brincadeiras. Além disso, também teve ecolalia, característica que relembra ter utilizado para aparentar não ter nenhum problema frente aos colegas.

No mais, Ferreira afirma que, assim como o Sam, sofreu *bullying* e que, aos 14 anos de idade, descobriu que este ocorria em razão dele não conversar com ninguém. No seu entendimento, os colegas praticavam *bullying* para chamar sua atenção e, com o tempo, ele conseguiu se entender melhor com eles, mas foi um processo demorado. O entrevistado explica que, talvez, o fato dele ser mais "leve" no espectro que o Sam tenha influenciado; ou seja, necessitava de uma quantidade de apoio menor que o protagonista da série.

7.2. REPRESENTAÇÃO AUTISTA NA SÉRIE SER OU NÃO SER CONSIDERADA SATISFATÓRIA PARA AS PESSOAS DO GRUPO ENTREVISTADO

Na perspectiva da entrevistada Priscila Jaeger

A representação autista na série é satisfatória, apesar de achar que nela há exageros. Jaeger destaca que a série mostra bastante as dificuldades do Sam e não romantiza o autismo.

Na perspectiva da entrevistada Polyana Sá

Daria uma nota oito no que tange à satisfação com a representação autista na série. Em seus apontamentos, a entrevistada destaca que a preocupação dos produtores da série em representar "um asperger clássico", com fala característica, um hiperfoco só e muito forte, além do fato do protagonista ser um homem,

constituem alguns pontos que a incomodam. Vale enfatizar que ela explica que o último ponto não é um erro, mas que o autismo em mulheres se apresenta de uma maneira um pouquinho distinta do que em homens.

Sá relata que *Atypical* tem muitos aspectos positivos e foi um bom *start* para pessoas que nunca tiveram contato com o tema. Nas suas palavras, a série foi uma coisa totalmente inovadora, sensacional, e a primeira a "abrir um caminho para que outras coisas pudessem acontecer relativas ao autismo" (SÁ, 2021). Porém, para ela, ainda existem alguns erros de narrativa que fazem com que a série não contemple exatamente o que é o espectro e mostre que as pessoas são diversas. A título de exemplificação, cita a possibilidade de que alguém que só tenha *Atypical* como referência do que é o TEA, ao vê-la dando seu depoimento audiovisual, acabar dizendo que ela não é uma pessoa autista, mas sim alguém que está somente "fazendo drama". Sá finaliza reforçando que há muitas coisas sobre o espectro autista que vão além do que é mostrado na série: "O espectro é diverso. Nós somos diversos entre si. E existe muito mais coisa além daquelas que são representadas na série" (SÁ, 2021).

Na perspectiva do entrevistado Gustavo Ferreira

A intenção da série de passar o tema foi muito boa, mas há um problema com os exageros na representação. Dentre seus apontamentos, está a questão de Sam aparentar ser de "leve" a "moderado" no espectro e ainda sim ter crises nervosas meio fortes. Para ele, há uma falha relacionada a um estereótipo autista, uma falha onde há muito exagero.

Ele destaca que o modo de falar de Sam era um pouco estereotipado, mais especificamente, o jeito dele de falar sobre seu hiperfoco era um pouco exagerado, dramático.

Nem tudo é dramático, às vezes, o que acontece muito na vida da gente-a série mostrou isso também, mas ainda foi um pouco mais sutil, não é? É a gente começar a falar de hiperfoco e as pessoas baterem na gente, ficarem bravas com a gente, não que com ele não aconteceu mas, poxa né, a gente vê...A vida real é um pouquinho diferente. Acho que essa é a maior crítica da gente pelos estereótipos, geralmente...a questão de estereótipo é uma questão que não atende a todos os autistas, precisa ter isso aí pela questão de atender o telespectador que não é autista, pra chamar atenção, mas pra

gente...realmente, foi um exagero, o hiperfoco dele foi-é interessante, é válido, mas a forma que foi colocada, talvez, com uns exageros assim... (FERREIRA, 2021)

Na perspectiva do entrevistado Pedro Lucas Ribeiro

Atypical retrata o autismo muito bem. Ribeiro afirma que as dificuldades do protagonista no dia a dia, como não entender ironias, e a interação com a família e com seu melhor amigo foram muito demonstradas.

Na perspectiva do entrevistado Annibal Franco

A princípio, uma discussão que ficaria era o fato do ator principal ser ou não autista — tema já levantado na comunidade autista nas discussões sobre a primeira temporada da série. Para Franco, a chegada da segunda temporada e a inserção de um grupo de apoio interpretado por atores e atrizes autistas foi algo bacana por mostrar que há vários autistas e todos eles são diferentes, com o autismo não sendo algo em que se pode utilizar um "*checklist* básico" para ir afirmando que só por uma determinada pessoa não ter sensibilidade a luz, ou atraso na fala, ou ter a fala "plana", não pode ser autista. O entrevistado afirma que o que se nota, a partir da inserção do grupo de apoio, é que os autistas podem ser de várias maneiras.

8. CRONOGRAMA DE PESQUISA

	Novembro de 2019 a março de 2020	Março a novembro de 2020	Dezembro de 2020 a janeiro de 2021	Janeiro a março de 2021	Março a maio de 2021	Mai de 2021
Pesquisa Documental	X					
Revisão Bibliográfica		X				
Pré-produção			X			
Produção				X		

Pós-produção					X	
Entrega						X
Defesa						X

9. ORÇAMENTO

Compra do livro *Filme Documentário: história, identidade, tecnologia* (material bibliográfico): R\$ 126, 08.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do documentário pôde proporcionar a verificação, no formato audiovisual e com foco nos sentimentos de identificação e satisfação, da percepção de um grupo de pessoas autistas quanto à representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na série *Atypical*. A narrativa escolhida permitiu um aprofundamento nos principais aspectos da representação na série que suscitaram sentimentos de identificação nos entrevistados e nas entrevistadas, sendo esses:

- Crises autistas do Sam;
- Não entendimento de palavras, expressões, ironias, sarcasmo e brincadeiras;
- *Stims* (formas expressivas do corpo manifestar uma tentativa de equilíbrio);
- Dificuldades para socializar/fazer amizades, com o adendo da questão do *masking*, que foi apontado por uma das entrevistadas como muito recorrente na comunidade autista;
- Preferência por assuntos do próprio gosto;
- Hipersensibilidades auditiva e visual;
- Expectativa de que algo vá dar errado;
- Padrões ritualizados de comportamento;
- Sofrimento de *bullying* no ambiente escolar.

Neste sentido, o sentimento de satisfação dos membros do quinteto entrevistado quanto à representação do autismo na série também foi explorado, tendo como consequência um resultado heterogêneo que deu margem tanto para apontamentos positivos quanto para comentários sobre estereótipo, exageros,

dramatização na representação e a necessidade de uma abordagem um pouco mais diversa do espectro nas telas, com a última incluindo a manifestação diferenciada do TEA em mulheres — conforme alegado por uma das entrevistadas.

Nas entrevistas, o grupo protagonista não hesitou em elucidar as principais razões para os seus posicionamentos. Os resultados de todo este processo têm o potencial de contribuir para o direcionamento da atenção dos espectadores e das espectadoras do documentário aos supracitados comentários, os quais, de certa forma, também ajudam a reforçar a necessidade de análises como a realizada por Prochnow (2014) sobre a representação do autismo na mídia. A título de esclarecimento, é válido lembrar que a mencionada autora afirma que o cinema e televisão estão limitados no que escolhem ilustrar e destacar sobre o TEA em suas programações, exibindo poucos aspectos do autismo para serem considerados representativos, o que vai ao encontro do exposto pelos entrevistados Gustavo Ferreira, Priscila Jaeger e Polyana Sá em seus depoimentos.

Tanto Ferreira quanto Jaeger afirmaram que há um exagero presente em *Atypical*, apesar da última ter declarado que, na sua concepção, a representação autista ainda sim é satisfatória, por apresentar as dificuldades do protagonista e não romantizar o autismo. Já Ferreira, além de relatar ter um problema com o exagero da série, afirma que há uma abordagem dramática dos hiperfocos (interesses restritos e repetitivos) do protagonista, a qual não reflete tanto a realidade, e um estereótipo autista — ainda que ele compreenda o último como necessário para que as pessoas fora da comunidade autista entendam o que é o TEA.

A entrevistada Sá afirma que a série possui alguns erros de narrativa que fazem com que não contemple exatamente o que é o espectro autista e mostre que as pessoas são diversas. Ela acaba angariando atenção para a perspectiva de que as representações midiáticas podem influenciar na percepção do TEA para quem está fora da comunidade autista, ao ressaltar que, para quem só tem *Atypical* como referência, ela mesma poderia acabar sendo vista não como uma pessoa autista, mas sim alguém que somente está "fazendo drama".

Tal posicionamento coincide com o que Nordahl-Hansen, Tøndevold e Fletcher-Watson (2017) já haviam apontado na obra *Saúde mental na tela: uma dissecação do DSM-5 de retratos dos transtornos do espectro do autismo em filmes e TV*, na qual é ressaltado que "as pessoas podem confiar nas representações da mídia para entender como a experiência se relaciona com a ampla gama de

apresentações, contribuindo para as atitudes estereotipadas que prevalecem" (DRAAISMA, 2009; GARNER, 2014; apud NORDAHL-HANSEN; TØNDEVOLD; FLETCHER-WATSON, 2017, p.1).

No mais, as acepções de identificação e satisfação, consideradas de forma adaptada pela realizadora, mostraram-se apropriadas e frutíferas no decorrer da realização das entrevistas para o documentário, ainda que os resultados relacionados tenham sido heterogêneos, o que, no caso, era esperado devido à natureza qualitativa da obra.

Possibilidades de posteriores exploração e ampliação, no mesmo formato, dos resultados da presente produção talvez possam aprofundar-se em tópicos como os exageros, estereótipos, a dramatização excessiva e a diversidade na representação autista em telas de televisão e cinema. Do mesmo modo, talvez possam dispor de um número maior de realizadores e/ou realizadoras, entrevistados e entrevistadas, e/ou um método de pesquisa quantitativo.

Por fim, é relevante ressaltar que o presente documentário não buscou constituir uma obra com vozes representativas de todas as pessoas que estão no espectro autista, pois isso seria impossível, mas sim reunir e expor as vozes distintas presentes em um determinado grupo quanto à representação autista na série *Atypical*, com foco nos sentimentos de identificação e satisfação; contribuindo para repercuti-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA) *et al.* **DSM-5**: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Artmed Editora 2014.

ATYPICAL. **Metacritic**. Disponível em: <https://www.metacritic.com/tv/atypical>. Acesso em: 13 mar. 2020.

ATYPICAL. **Rotten Tomatoes**. Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/tv/atypical>. Acesso em: 10 mar. 2020.

[EXCLUSIVO] As séries mais maratonadas por brasileiros segundo o TV Time (09 Dez - 16 Dez). **Série Maníacos**, 2019. Disponível em:

<https://seriemaniacos.tv/exclusivo-as-series-mais-maratonadas-por-brasileiros-segundo-o-tv-time-09-dez-16-dez/>. Acesso em: 13 mar. 2020.

FERREIRA, Gustavo. [Entrevista concedida a] Helen Marinho. Brasília, 2021.

TRANSTORNO do Espectro Autista. **OPAS/OMS Brasil**, 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 13 mar. 2020.

GUIMARÃES, Veridiana; CELES, Luiz. **O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica**: o conceito de identificação em Freud. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 341-346, set. 2007. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/33119/3/ARTIGO_PsiquicoSocialPerspectiva.pdf. Acesso em: 31 ago. 2020.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. 1997. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, no 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf. Acesso em: 31 ago. 2020.

HUGAR, John. The more *Atypical* tries to get autism "right", the more things go wrong. **The A.V. Club**, 2017. Disponível em: <https://tv.avclub.com/the-more-atypical-tries-to-get-autism-right-the-more-1798191910>. Acesso em: 22 nov. 2019.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin. *Administração de Marketing*. 14. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. 794 p.

MOSS, Haley. My Autistic Opinion of Netflix's 'Atypical'. **The Mighty**, 2017. Disponível em: <https://themighty.com/2017/08/atypical-autistic-review/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

MACLEOD, Kevin. Deliberate Thought. (2m57s). Disponível em: <http://incompetech.com/music/royalty-free/?keywords=deliberate+thought>. Acesso em: 25 mar. 2021.

NORDAHL-HANSEN, Anders; TØNDEVOLD, Magnus; FLETCHER-WATSON, Sue. **Mental health on screen**: A DSM-5 dissection of portrayals of autism spectrum disorders in film and TV. *Psychiatry Res*. 2018 Apr;262:351-353. doi: 10.1016/j.psychres.2017.08.050. Epub 2017 Aug 23. PMID: 28843629. Disponível

em:

https://www.researchgate.net/publication/319272810_Mental_health_on_screen_A_DSM-5_dissection_of_portrayals_of_autism_spectrum_disorders_in_film_and_TV. Acesso em: 1 set. 2020.

OLIVEIRA, Karina Griesi Oliveira; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético**. São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/eins/v15n2/pt_1679-4508-eins-15-02-0233.pdf. Acesso em: 6 jul. 2020.

ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Roberta de Figueiredo. **Transtorno do Espectro Autista: A importância do diagnóstico e reabilitação**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: transtorno do espectro autista - Univateswww.univates.br › revistas › cadped › article › download. Acesso em: 3 jul. 2020.

PENAFRIA, Manuela. **O Filme Documentário: História, identidade, tecnologia**. 1999. 136 p.

PROCHNOW, Alexandria. **An analysis of autism through media representation**. ETC.: A Review of General Semantics, vol. 71, no. 2, 2014, p. 133+. Disponível em: <https://addpc.az.gov/sites/default/files/media/AnanalysisofAutismstudy.pdf>. Acesso em: 1 set. 2020

ROZSA, Matthew. Netflix's "Atypical" is offensive, but that's not its real problem. **Salon**, 2017. Disponível em: <https://www.salon.com/2017/08/07/netflix-atypical-review/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

RUARO, Giovana Bigarella. **SADE**. Curitiba, 2007. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/53249/TCC_Giovana_Bigarella_Ruaro.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 6 maio 2020.

SÁ, Polyana. [Entrevista concedida a] Helen Marinho. Brasília, 2021.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. **Acerca do conceito de representação**. Goiás, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974/16144>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SANTOS, Maria Matilde. [Entrevista concedida a] Helen Marinho. Brasília, 2021.

SINCLAIR, James. The New Face of Autism: Atypical Review (Spoiler-Free). **Autistic & Unapologetic**, 2017. Disponível em: <https://autisticandunapologetic.com/2017/09/23/the-new-face-of-autism-atypical-spoiler-free/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do autismo**. 2015. 320 p.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Assis, 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2020.

ZANON, Regina Basso; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice Alves. **Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: http://ppga.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/186/2018/08/Artigo_01.pdf. Acesso em: 6 jul. 2020.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

ATYPICAL. Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Netflix. Estados Unidos, 2017.

CHIMURA, Willian. Uma análise autista sobre Atypical. **Youtube**, 2019. (5m49s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pz0IOmzu6fs>. Acesso em: 20 nov. 2019.

GLOSSÁRIO

Ecolalia - (...) É um *stim* verbalizado, oralizado, você emite sons. É a repetição de sons. E existe uma variedade aí da forma como você vai manifestar esse comportamento. Uma pessoa, por exemplo, que esteja aí no nível um [do TEA], pode cantar uma música repetidamente, pode contar uma história de forma repetida, pode, em uma crise, verbalizar uma única palavra, repetidamente naquele momento de crise, ou uma frase. Então, a ecolalia é essa repetição (SANTOS, 2021).

Hiperfoco - É um interesse mais focado. Quando você gosta de carrinhos, você sabe tudo sobre carrinhos. Ou você coleciona carrinhos, ou você só não gosta de carrinhos; não é só o gostar. Você se torna um interessado naquele tema. Se você gosta de pinguins, como o Sam, então, você vai tentar conhecer tudo sobre isso porque aquilo te fascina. Isso também traduz a rigidez cognitiva, *né*, que é muito presente no autismo. Então, para mudar inclusive de tendência comportamental e aí ser associado a outras questões de gosto, porque você fixa muito naquilo que lhe interessa, para mudar, para pessoas autistas, é mais difícil porque você tem que mudar ou modificar o seu comportamento, o que exige então maior repertório emocional e exige das suas emoções que você pense sobre isso e, ao fazer isso, você pode ter crises. Então, a hiperfocagem também é um adaptador, é uma forma de se encontrar, é uma forma de se perceber. E normalmente a hiperfocagem faz com que a aquela pessoa autista se torne uma especialista naquilo que ela tem interesse. Você pode ter um hiperfoco ou você pode ter vários hiperfocos, só vai depender da tendência ali da pessoa autista. (SANTOS, 2021).

Masking - É uma tentativa de encaixe social ou de resistir às pressões sociais de ser uma pessoa atípica. (...) você burla totalmente o que você é como pessoa atípica quando você comete, você tem ações de camuflagem, de simular o comportamento típico. (SANTOS, 2021).

Stims - São formas expressivas do corpo manifestar uma tentativa de equilíbrio ou uma forma de expressar as emoções diante de um movimento físico. Então, tem o balançar pra frente e pra trás, *né*, o pêndulo; tem [o balançar] para os lados, tem o balançar das mãos, que é muito característico (...) e parece um TOC [Transtorno Obsessivo Compulsivo], mas é um *stim* (...) então, pode se tornar um TOC? Pode, mas é uma tentativa de equilibrar (...) as questões que emocionalmente lhe comprometem. (SANTOS, 2021).

APÊNDICE A - QUESTIONAMENTOS UTILIZADOS NO PRÉ-TESTE

Idade:

Diagnóstico:

Ocupação:

P1: Para você, a representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na série *Atypical*, da Netflix, é satisfatória?

P2: O ator principal soube interpretar com precisão alguém que tem TEA? Ou acha que algum aspecto da interpretação dele deve ser melhorado?

P3: A relação do Sam (protagonista da série) com a mãe dele te faz lembrar sua relação com sua figura materna em algum aspecto? Se sim, poderia dizer qual?

P4: Você sentiu identificação com algum aspecto da relação do Sam com o pai dele? Se sim, poderia dizer qual?

P5: Na série, os interesses restritos do Sam são pinguins e a Antártida. Assim como ele, você também tem interesses restritos? Se sim, poderia dizer quais?

P6: Você sentiu identificação com a forma com que o Sam demonstra seus interesses restritos na série?

P7: Você tem algum irmão ou irmã? Se sim, você sentiu algum tipo de identificação com a relação do Sam com a irmã dele na série?

P8: Assim como o Sam, você chegou a ter dificuldades para fazer amizades no ambiente escolar? Se sim, quais as principais razões?

P9: Você sentiu identificação com a dificuldade do Sam em relação à vida amorosa?

P10: Assim como o Sam, você faz algum tipo de terapia? Se sim, para você, qual a importância da terapia e em que ela tem te ajudado?

P11: Há algum aspecto da vida do Sam com o qual você não se identificou ou não sentiu familiaridade na série? Se sim, qual?

APÊNDICE B - QUESTIONAMENTOS PREVALECENTES NA PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

P1: O que significa ser autista?

P2: Houve identificação com a demonstração dos hiperfocos de Sam em *Atypical*?

P3: Quais principais aspectos da representação autista em *Atypical* suscitaram identificação?

P4: A representação autista em *Atypical* é considerada satisfatória?